

romeu correia

BOCAFE



BOCAGE

coleccção
vária 2

EDITORIA  ULISSEIA

Capa de Rocha de Sousa

U. 11.11.10 2143



BOCAGE

Crónica dramática e grotesca
em duas partes e um prólogo

ROMEU CORREIA

Esta é a crónica dramática e grotesca de uma época, centralizada na figura singular do poeta maldito que foi Bocage. Inconstante e volúvel como o momento histórico que testemunhou, o poeta, entrando na Lenda como um incorrigível trocista e desfrutador de prazeres, confunde-se com a agonia do próprio século, o XVIII, — e os anseios anónimos, a irreverência e o escárnio de um mundo novo que nasce...

Não é um trabalho rigorosamente histórico esta crónica que ides ler ou ver (quando possível) representada num palco. Teatro é a palavra-síntese, ritmo e mistério — e nestas páginas esboça-se a vida de alguém que viveu e sonhou muito. Procurou-se respeitar a ordem cronológica de alguns sucessos e azares acontecidos na aventura Manuel Maria Barbosa du Bocage. As poesias ao longo do diálogo são atribuídas à sua autoria. Uma rapariga da rua canta uma canção de Camões. Recitam-se fragmentos de uma sátira de José Agostinho de Macedo e duas quadras do Joaquim Manuel dos lunduns; as

restantes pertencem ao património popular. Os documentos que se evocam são autênticos.

E se falássemos agora um pouco sobre a possível encenação deste texto?

Um estrado largo e fundo, limitado pelo azul do ciclorama e uma bem apetrechada aparelhagem eléctrica — são factores primordiais. Quanto a cenários, a tarefa torna-se mais fácil: biombos desmontáveis e pequenos apôntamentos. A cor — e esta representação carece de um exuberante colorido! — é de preferência dá-la através do projector eléctrico que utilizar o papel pintado. Para os biombos evocativos de lugares históricos, botequim ou praça pública, será conveniente recorrer a gravuras da época, ampliadas a preto e branco. Já o mesmo não acontece com a roupagem das personagens que deverá ser, historicamente, exacta e rica de colorido.

Na representação dentro de outra representação, que é esta crónica, deverá manter-se o clima vivo e ingénuo dos espectáculos de feira do século passado.

Figuras ¹ (que intervêm no prólogo e nas duas partes):

Bocage

José Pedro da Silva

Canária

Morgado de Assentis

Francisco Bingre

Histrião

Pregoeiro

D. Gastão da Câmara

Alcoviteira

Hospedeira

Empregado Antigo

Patrão Luís

Marítimo

¹ Com excepção das três primeiras figuras, todas as outras podem ser dobradas. O clima ingénuo e grotesco do texto a isso convida. Alguns actores mudarão de pele duas ou três vezes...

... (que actuam só no Prólogo):

<i>Arlequim</i>	}	<i>Bailarinos</i>
<i>Columbina</i> ¹		<i>e</i>
<i>Pierrot</i>		<i>Mimos</i>

Um Cego

Dois Chechês

Um Negro

Saltimbancos e garotos.

... (que actuam na 1.^a e na 2.^a ou só numa destas partes):

António Bersane Leite

Padre Joaquim de Fóios

Hortelão

Três Polícias

Quatro Frades

D. Nuno Pato Moniz

Tomás dos Santos Silva

António José Álvares

Aprendiz

¹ Columbina pode dobrar a figura de MORTE na 1.^a e na 2.^a parte.

Um Camponês

Morgado da Sertã

Crispiniano Saunier

Um Cliente

*Duas Columbinas loiras (Márcia e
Anália)*

1.^a Máscara (Guarda-mor)

2.^a » (Um sr. Marquês)

3.^a »

4.^a » (Doutor França)

5.^a »

6.^a »

Um Burguês

Um Calafate

Um Livreiro

Mordomo

Um Médico e ainda...

*...a figura da MORTE e alguns seres
grotescos, reproduzidos dos «Caprichos» de
Goya.*

PRÓLOGO

I CENA

Pano descido. Escuridão na sala. Ouve-se o ruído de um comboio e o seu apito ecoando na distância da campina. Abranda o rumor da máquina e ouve-se...

UMA VOZ: Uma vez ia o Bocage de comboio quando se sentou diante dele um casal. O marido ansioso por meter conversa com o poeta começou por oferecer-lhe o jornal:

— Quer ler?

— Não leio, retorquiu-lhé Bocage.

O outro puxa de um maço de cigarros, e insiste...

— Não fumo, repetiu o poeta.

Não se dando por vencido, o homenzinho desembrolha um farnel...

— Não como, recusou ainda Elmano. Então, o viajante põe o farnel de lado, o jornal e o tabaco, e indica a mulher... Bocage abanou a cabeça, e retorquiu-lhe:

— O cavalheiro hoje está com azar! Eu...

(A última frase do poeta é abafada por gargalhadas brejeiras, enquanto

Sobe o pano

...e aparece
José Pedro da Silva, velho alto e magro, trajando como um comerciante remediado da Lisboa de 1850. A figura surge no palco deserto, diante do ciclorama.)

JOSÉ PEDRO *(para a plateia):* Não dêem ouvidos! É falso! Tudo o que dizem do sr. Manuel Maria são mentiras! As anedotas, as indecências... são quase todas inventadas!... *(Sincero.)* Eu conheci-o. Vivi anos e anos a vê-lo todos os dias. *(Indeciso.)* Vossas senhorias estão um pouco surpreendidos com a minha presença, não é verdade? Mas eu digo já a minha graça: Sou o José Pedro da Silva, o das Luminárias... O dono do *Botequim das Parras*, o que esteve um ror de anos a servir à mesa no *Café Nicola*! Já ouviram falar de mim, com certeza... *(Saudoso.)* Se a mana dele, a sr.^a D. Maria Francisca fosse viva... nada disto seria preciso... *(Nostálgico.)* O senhor Manuel Maria! Grande alma! Tanta vida naquela corpo franzino, tanto coração, tanta inteligência... *(Distante.)* Vinte e um de Dezembro de mil oitocentos e cinco... Como vai longe esse Inverno! *(Desfaz por fim a abstracção.)* Depois da sua morte eu vivi outro tanto... Há que ror de anos eu ando por este mundo!... *(Tosse.)* Estou velho, muito velho... *(Volta à obsessão, contrariado.)* Meu Deus! Que falsidades eu tenho

ouvido!... «Uma vez o Bocage isto... Uma vez o Bocage aquilo...» Corja! Eu bem sei o que hei-de dizer ao sr. Visconde Castilho! Digo...! Oh, se digo...! (*Ganha aprumo, compõe a gravata, como se falasse já, cerimonioso, para a tal pessoa importante.*) «Senhor Visconde, é uma grande honra V. Ex.^a receber-me na sua casa para me ouvir falar de alguém que eu conheci noutro tempo: o grande poeta Bocage! V. Ex.^a não encontraria na cidade de Lisboa quem, melhor do que eu... (*Sorri-se, num desmedido orgulho.*) O senhor Manuel Maria e eu... fomos unha com carne!... Conheci-o no Nicola... depois, no meu *Botequim das Parras*... Lá comia, escrevia... discutia... E, quantas e quantas noites, o tapei com o pano do bilhar!...»

II CENA

(Sem ruído, entra no palco um bando de mascarados. Foliões e trocistas, atravessam o F., bailando e fazendo cabriolas. São: dois chechês, de facalhão e chifre na ponta de um pau, um pierrot, uma velha de capote e lenço, fustigando os vizinhos com o abano e a colher de pau, e ainda dois patuscos a imitar um burro, cujas quatro patas são as pernas dos próprios mascarados. Surgem, lenta e silenciosamente, envolvendo e confundindo, pouco a pouco, o pobre velho no seu incerto monólogo evocativo.)

JOSÉ PEDRO *(sorri-se):* ...Se ele bebia ventos por alguma dama, parecia mesmo uma criança... Versos... versos... lágrimas, gritos... Ele era tão malcriado — Deus me perdoe! — quando estava apaixonado!... Depois, certo dia, aquilo acalmava... Era como se tivesse regressado duma grande viagem... E olhava para mim com aqueles olhos azuis... Grandes, tão redondos!... Fumava, sorria, olhava, olhava...

(Os mascarados envolvem o velhote e irrompem numa algazarra ensurdecidora.)

JOSÉ PEDRO *(assusta-se)*: Que malandragem é esta?! Ah! Outra vez a estupidez do Carnaval!!!

(Os chechês dão-lhe pançadas, afiando o facalhão no chifre; a velha fustiga-o com a colher e o abano. Escoiceia o «burro». Por fim, os foliões dão as mãos e fecham roda, ante os protestos de...

JOSÉ PEDRO): Deixem-me! Súcia de malandros! *(Apalpa os bolsos, receando ser furtado.)* Ladrões! Aqui del-rei! Valha-me o sr. Intendente Pina Manique! Aqui del-rei!...

(Ao ouvir clamar pelo Intendente, os mascarados param, de pasmo, e soltam francas gargalhadas. E até os dois, que fazem de «burro», sentam-se no chão para galhofar melhor... acabando todos por subir o dedo indicador à testa para insinuar que o velho está maluco...).

JOSÉ PEDRO *(encara os trocistas, e cai em si, compreendendo que disse uma patetice)*: Meu Deus! Que disse eu?! *(Repete, abismado.)* Chamei pelo sr. Pina Manique?! *(Abana a cabeça.)* Onde é que ele já está!...

(Os do «burro» e a alcoviteira mofam ainda, mas os restantes começaram a montar os biombos que compõem o cenário da próxima cena.)

III CENA

(Lá fora, uma voz roufenha canta):

**Comprai, meninas, comprai
A dez réis ou meio tostão,
O testamento da velha
Inda antes da serração.**

(Aparece: trata-se de um vendedor ambulante, velho e cego, que traz um colar de folhetos ao pescoço enfiados num cordel.)

CEGO *(toca nas costas do velho):* Meu senhor, ela já passou?

JOSÉ PEDRO *(assustado):* Quem?

CEGO: A rainha!... *(Tacteia o vulto que lhe fala.)* Está a passar o coche... *(Em segredo.)* Ela, hoje, lança moedas à rua!...

JOSÉ PEDRO *(abespinhado):* Saia do meu caminho! *(Num berro guinchado.)* Não brinco ao carnaval! Sou um comerciante honrado! Mas que malandragem!...

CEGO *(segura-o, com veemência):* Meu senhor! Eu não o ofendi! Perguntei-lhe se havia

passado o coche de Sua Alteza Real a senhora D. Maria Primeira...

JOSÉ PEDRO: D. Maria Primeira?! Está louco!? (*Resmungando.*) Já não temos o D. João Sexto... quanto mais a sua augusta mãe!...

CEGO (*patético*): Em que era vivemos, meu senhor?

JOSÉ PEDRO: Mil oitocentos e cinquenta e... (*Sobe os ombros, indiferente.*) Também já não me lembro! Só sei que reina a senhora D. Maria da Glória... (*Só agora repara nos olhos do outro; e repete, com horror.*) É cego? Os seus olhos...?!

CEGO (*pressentindo que o outro recuou*): Não tenha medo deles! São duas covas de carne morta!... (*Disserta, patético.*) Perdi os meus olhos ainda não tinha trinta anos, meu senhor. Perdi-os muito longe... numa terra que nunca me disseram o nome...

JOSÉ PEDRO (*entrega-lhe uma moeda, indisposto*): Pegue, homenzinho. Que Deus o acompanhe...

CEGO: Eu nunca brinquei ao carnaval, meu senhor. Trabalhei sempre na minha aldeia. Um dia vim à cidade e apanharam-me para a tropa... Lá fui... Eram tempos maus, mas eu tinha vinte anos e os meus dois olhos que miravam todas as riquezas do mundo. Lá fui... Combati nas terras mais longes... nas França, nas Alemanhas... À minha beira falava gente de todas as raças. (*Como que deslumbrado.*) Uma vez vi o Imperador!! Era uma fraca figura: pequeno, gordo, a cabeça metida entre os ombros... Vi-o só uma vez, só uma...